

Para a caracterização de alguns marcadores enunciativos de intermodalidade

BENJAMIM MOREIRA

(Universidade de Santiago de Compostela)

Com este trabalho procurou-se, a partir de uma classe de observáveis, construir uma problemática que pudesse eventualmente passar do domínio do local, utilizando uma metodologia de descrição linguística e de modelização dos fenómenos capaz de dar conta das condições de enunciabilidade, ou seja, tornar mais claras as margens de tolerância e de deformabilidade dos enunciados. Aqui, partindo de exemplos construídos, procuraremos mostrar de que modo se identificam ou se diferenciam os valores de *quase* e *por pouco* e verificaremos que cada um é marcador de operações que o especificam.

Este trabalho basear-se-á essencialmente na teoria da localização abstracta que ocupa, ao lado da teoria do domínio nocional, um lugar central no modelo de A. Culioli¹.

I. Operações enunciativas de *que pouco* e *um pouco* são marcadores

Postulemos que *pouco* e *um pouco* ocorrem num espaço topológico de carácter **intermodal**. Consideremos (1) *A Inês estudou pouco*. Este enunciado contém uma apreciação modal negativa marcada por *pouco* e por isso aproxima-se de (2) *A Inês não estudou*, mas não permite essa conclusão negativa.

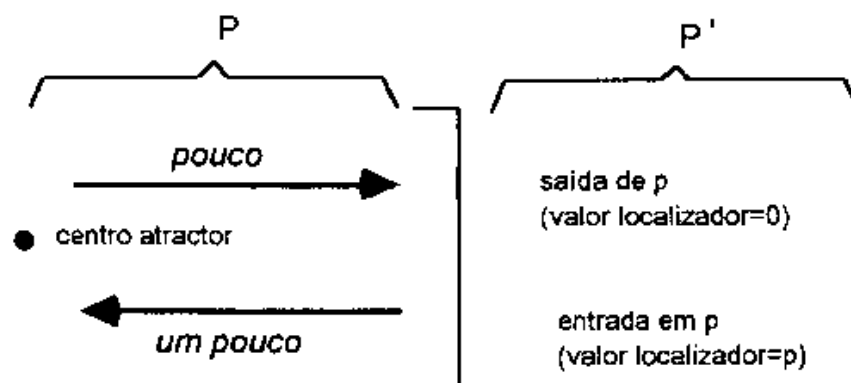
Pouco marca o fraco grau de relação entre o sujeito *Inês* e a noção *estudar* que sobre ele é predicada. Por outro lado, em (3) *A Inês estudou um pouco*, apesar do valor negativo de *pouco*, *um pouco* coloca a relação no domínio positivo. Tanto (1) como (3) são construídos sobre o pré-construído² positivo (0) *A Inês estudou* (). () representa o lugar vazio que permite uma operação posterior de quantificação-qualificação da noção /estudar/. Esse pré-construído tem uma orientação modal positiva e constitui uma afirmação. Por isso (1) não é sinónimo de (2).

Em (1) *pouco* marca uma operação de quantificação que inverte a orientação positiva do pré-construído sem que seja abandonada a relação positiva. A afir-

mação permanece mas modulada negativamente. (1) equivaleria a (4) *a Inês quase que não estudou*, ou (5) *a Inês mal estudou*³.

Em (3) *um pouco* instancia o lugar vazio () no pré-construído positivo mantendo a orientação modal positiva.

Adaptando um esquema de Ratié (1989: 70) podemos representar a oposição *pouco/um pouco* do seguinte modo:



No quadro da teoria do domínio nocional de A. Culioli, diremos que o conjunto (p/p') representa o domínio nocional. O centro atractor simboliza o alto grau nocional, aqui a quantificação máxima. O centro atractor está situado em p , domínio positivo da noção. *Pouco* e *um pouco* situam-se em p , próximos da saída de p , por isso próximos de p' , domínio negativo da noção. As setas indicam as orientações modais respectivas.

Resumindo:

(a) O pré-construído de um enunciado contendo *pouco* é o mesmo que o de um enunciado contendo *um pouco* (pré-construído positivo: (0) *a Inês estudou* ()).

(b) *Pouco*, como *um pouco*, indicam que a quantidade indeterminada () é pequena. Situamo-nos sobre o gradiente de p , no extremo oposto do centro atractor • que representa o alto grau da noção, ao contrário de *muito* que significa que estamos muito próximos do centro.

(c) *Pouco* difere fundamentalmente de *um pouco* na orientação modal oposta. Podemos dizer que com *pouco* temos uma **orientação retroclive** e com *um pouco* uma **orientação proclive**⁴.

(d) *Pouco* e *um pouco* conservam a orientação modal positiva do pré-construído, indicando por outro lado que o valor localizador que é o centro atractor está longe de ser atingido.

(e) *Um* é o marcador de construção de uma ocorrência positiva, é a marca textual da orientação modal positiva; *pouco* marca a quantidade reduzida aplicada à noção p . Na ausência de *um*, o operador *pouco* só indica a ideia negativa de quantificação reduzida invertendo por isso a orientação modal positiva do pré-construído.

Dissemos que com *pouco* temos uma **orientação retroclive** e por isso compreende-se a proximidade do enunciado (1) *a Inês estudou pouco* com (4) *a Inês quase que não estudou* ou com (5) *a Inês mal estudou*.

Dissemos também que com *um pouco* temos uma **orientação proclive**.

Na sequência (6) *a Inês quase que estudou*, o termo localizador, o ponto de partida da relação (0) *a Inês estudou* - é construído subjectivamente, tem a ver com uma **perspectiva teleonómica do sujeito**. Não esqueçamos que a definição de pré-construído prevê que possa não ter havido verbalização da relação predicativa⁵.

II. Caracterização dos marcadores *quase* e *por pouco*: algumas semelhanças

São facilmente reconhecidas as **afinidades** entre as partículas *quase* e *por pouco*. Um simples exemplo permite pôr em evidência essa proximidade parecendo que estas partículas são intersubstituíveis:

(7_a) *quase chegavas a tempo* / (7_b) *por pouco chegavas a tempo*.

A mesma afinidade está presente em

(8_a) *quase não chegavas a tempo* / (8_b) *por pouco não chegavas a tempo*.

Como podemos ver, em (7) a orientação modal é **proclive** e em (8) é **retroclive**.

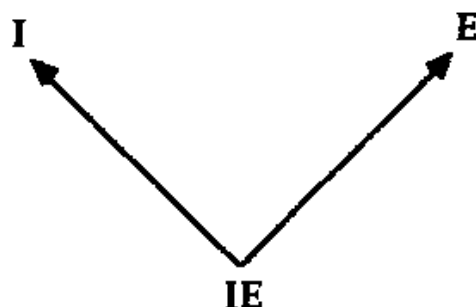
Mas nem sempre se verifica essa equivalência. Algumas diferenças podem ser observadas através da manipulação criteriosa de enunciáveis e da constituição de famílias parafrásticas. Sintetizemos algumas propriedades essenciais que os dois marcadores partilham:

1^a - *Por pouco* e *quase* marcam essencialmente uma operação de orientação da relação predicativa no domínio nocional e numa situação enunciativa.

2^a - Essa orientação corresponde a um **vector**, tem uma **direcção** (o Interior e o Exterior do domínio nocional), um **sentido** (ou para o Interior ou para o Exterior) e um **comprimento** (que indica a graduação). Ela é determinada a partir de um **ponto de aplicação**, origem da construção.

3^a - Esse ponto origem da construção seria *a priori* um ponto exterior ao domínio (nem I nem E), notado IE (Culioli 1987, 1988, 1990) a partir do qual se perspectivaria um ponto a atingir no Interior (I) ou no Exterior (E).

Uma esquematização dos percursos desta representação pode ser visualizada através de uma configuração triangular (apenas a duas dimensões) que corresponderia ao conceito de 'bifurcação' de Culioli ([1988] 1990: 99):



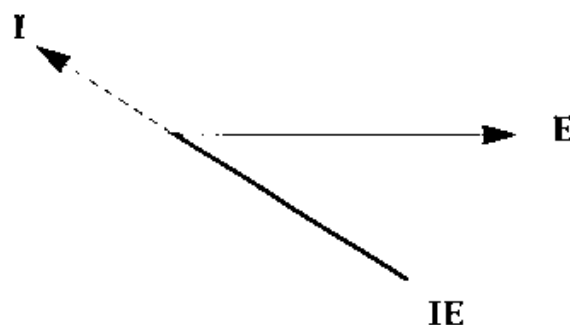
Digamos que essa orientação corresponde ao caminho nocional enquanto percurso construído em direcção a um ponto estável que é o ponto de referência.

4ª - Mas esse ponto de partida da construção só subjectivamente é IE. O sujeito constrói um objecto teleonómico que corresponde à perspectiva de localização do processo no ponto visado (I ou E). Não esqueçamos, porém, que no momento da enunciação o sujeito sabe se esse ponto visado foi ou não foi atingido.

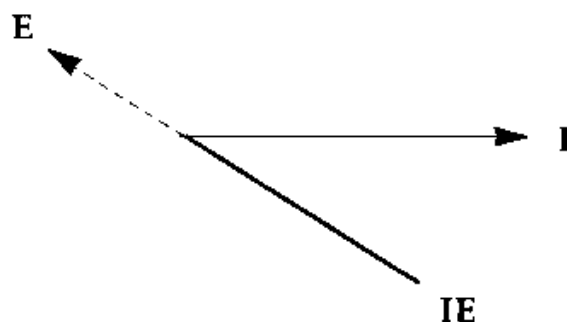
5ª - A configuração do percurso assenta sempre numa inflexão, ou seja, numa re-orientação modal, até chegar ao ponto da estabilização.

Assim, esquematicamente, teremos duas possibilidades:

a) o ponto visado é I mas a relação predicativa ancora-se em E:



b) o ponto visado é E mas a relação predicativa é validada em I:



6ª - Como vimos em 4., estas construções com *por pouco* ou *quase* parecem relevar essencialmente de uma modalização enunciativa que incide sobre uma relação predicativa delimitada quantitativamente, ou seja, ancorada temporalmente.

Tratando-se de uma delimitação QLT (maior ou menor identificação com as propriedades da noção), a ocorrência seria localizada no centro atractor; tratando-se de uma delimitação QNT (ancoragem situacional da relação predicativa) corresponderia à estabilidade da ocorrência: uma ocorrência está realizada.

Mas nem sempre essa ocorrência é qualitativa ou quantitativamente apresentada como centrada em relação às propriedades de uma noção ou como terminada no caso de um processo.

7ª - O ponto de partida da construção só subjectivamente é IE. Com efeito, o que temos é uma construção a partir do ponto de origem Exterior ou do ponto de origem Interior que coincidem com o ponto de chegada desejado, visado pela orientação modal que se deu à relação predicativa.

8ª - Assim, manifestam-se duas orientações opostas: a **orientação proclive** quando a origem da construção é o Exterior e o sentido da construção é o Interior; a **orientação retroclive** quando a origem da construção é o Interior e o sentido da construção é o Exterior.

III. Caracterização dos marcadores *quase* e *por pouco*: algumas diferenças

1. *Quase*

Quase intervém sobre uma relação predicativa pré-construída (por isso estabilizada). É assim o marcador de uma **operação de reconstrução enunciativa**. Ele modaliza a relação predicativa e por isso é fundamentalmente um operador modal. Dito de outro modo, *quase* perspectiva, orienta o processo para uma descontinuidade e ao mesmo tempo impede a passagem para essa descontinuidade. Por outro lado *quase* introduz uma alteridade. Essa alteridade é perspectivada em relação a um valor tido como único:

a) no caso de uma ocorrência validável no Interior, ela corresponde à representação que o sujeito faz de todas as propriedades da noção, ou seja, ao seu valor prototípico ou então ao percurso de todas as ocorrências possíveis (por exemplo: *quase todos*);

b) no caso de uma ocorrência validável no Exterior, ela corresponde à representação que o sujeito faz da ausência de quaisquer propriedades da noção, ou seja, ao seu valor nulo que corresponde também a um único ponto, ou então ao percurso de todas as ocorrências possíveis (por exemplo: *quase nenhuns*).

Percebe-se assim porque é que **quase alguns* é mal formado, e *quase todos / quase nenhum* é bem formado. *Todos* corresponde a um percurso no Interior do domínio que conduz a que todas as possíveis ocorrências sejam identificáveis ao centro organizador, ou seja, revelem possuir as propriedades atribuíveis à noção em questão. *Nenhum* corresponde do mesmo modo ao percurso no Interior do domínio mas não havendo nenhuma ocorrência que permita a identificação com as propriedades da noção, a ocorrência é enviada para o Exterior, lugar da não existência de nenhuma ocorrência que permita validar a relação predicativa. *Quase alguns* não é assim possível dado não haver homogenização prévia do interior do domínio. Ou, para ser mais exacto, não é possível na situação de enunciação discernir quais as ocorrências que possuem as propriedades identificáveis com a noção (cuja localização seria o Interior) das que não possuem as propriedades identificáveis com a noção (cuja localização seria o Exterior).

Falámos da alteridade introduzida por *quase* mas poderíamos falar do seu valor restritivo que parece ser também o valor de *alguns*, por exemplo. Daí a incompatibilidade de coocorrência dos dois⁶.

2. *Por pouco*

Por pouco, como *quase*, tem como valor localizador da relação predicativa o complementar de P, ou seja P', sendo que P é o pré-construído nesta enunciação. Trata-se com efeito de uma apreciação de carácter modal feita sobre uma ocorrência (delimitada quantitativa e qualitativamente, ou seja, estável, quando surge numa segunda situação enunciativa).

Digamos, para simplificar, que o enunciador sabe em Sit₀ que houve uma ocorrência Q mas refaz o percurso como se essa ocorrência não tivesse tido lugar.

Trata-se por isso de uma reconstrução que permite ficticiamente perspectivar o caminho de P ou de P'. No fundo, o enunciador pretende dizer que aconteceu Q mas podia não ter acontecido.

É essa alteridade de que falámos atrás que *por pouco*, como *quase*, introduz. Isso é possível dado que se considera que a ocorrência revela apenas algumas propriedades da noção em questão, aproxima-se (ou aproximou-se) do valor localizador (neste caso o centro organizador) mas num grau tão reduzido que é possível colocar a questão do complementar.

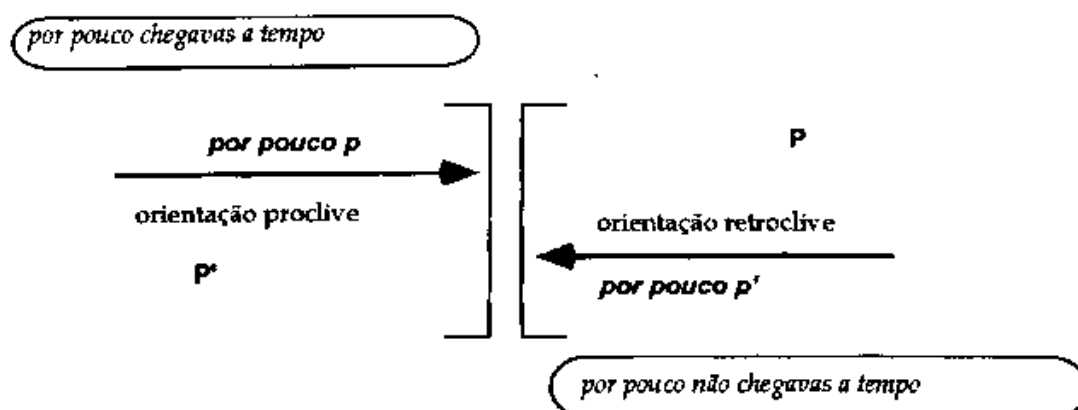
Trata-se de um fenómeno de avaliação, introduzida pela perspectiva subjectiva do enunciador: o grau de realização da ocorrência da noção foi de tal modo reduzido que a ocorrência podia não se ter dado. A distância avaliada em relação ao valor localizador da nova relação, que é o complementar, é de tal modo diminuta que há uma quase identificação da ocorrência com esse valor localizador (valor de referência).

Um exemplo muito simples permite ilustrar o que acabámos de dizer: (7b) *por pouco chegavas a tempo*.

Para S_1 , S_2 não reuniu as condições para validar a relação predicativa $\langle (\) \text{ chegar a tempo} \rangle$ pelo que a ocorrência se situa no Exterior. "X não chegou a tempo" é assim um pré-construído nesta situação de enunciação. Digamos que numa situação de enunciação anterior a Sit_2 , S_2 não foi localizado em relação a $\langle \text{chegar a tempo} \rangle$ (relação predicativa Q). Podemos representar: (em $Sit_3 < Sit_2$) $S_2 \notin Q$. Isso gera em Sit_2 uma intricação de relações: $S_2 \notin Q \rightarrow S_2 \ni Q ; S_2 \in Q$. Quer dizer: S_2 não está localizado em relação a Q; S_2 podia ter sido o localizador de Q; S_2 podia ter sido localizado por Q; corresponderiam respectivamente a uma imbricação de uma operação de construção e uma operação de especificação.

Estes percursos são possíveis dado que o atraso de X foi apenas de uns segundos, ou seja, a relação predicativa $\langle (\) \text{ chegar a tempo} \rangle$ não foi validada *in extremis*, o enunciador marca com *por pouco* a proximidade do valor localizador, objectivo, ou ponto de referência, "chegar a tempo", que mais não é do que o complementar da relação pré-construída. Por tudo isso, esse enunciado está situado no limite entre a afirmação e a negação: por um lado o valor construído é negativo mas questiona-se a insignificância do atraso e por outro há uma orientação positiva, proclive, introduzida por *por pouco*.

A mesma argumentação pode ser utilizada no enunciado (8_b) *por pouco não chegavas a tempo*. Neste caso, consideremos a relação predicativa validada: $\langle (\) \text{ chegar a tempo} \rangle$, situada no domínio das ocorrências positivas constituindo uma asserção positiva. O processo chegou ao seu fim: houve uma ocorrência QNT QLT. Essa ocorrência é um pré-construído na nova situação de enunciação. Mas dado que essa ocorrência aconteceu no limite temporal em que foi possível ainda validar a relação predicativa, o enunciador faz uma apreciação negativa sobre essa ocorrência. Reconstrói assim o percurso atribuindo-lhe uma orientação modal negativa a que chamei retroclive. Dado que a validação foi feita *in extremis*, levanta-se a questão da eventualidade de a relação não ter sido validada pelo que o enunciado está no limite entre a negação e a afirmação.



Por pouco, como *quase*, permite essas duas orientações opostas. No entanto, para além de outras diferenças de funcionamento, podemos dizer que *por pouco* introduz uma avaliação sobre um processo e por isso incidindo fundamentalmente sobre o predicado. Esse processo deve apresentar-se já concluído na enunciação em que intervém *por pouco*. Essa avaliação é desse modo feita *a posteriori*. Por isso, *por pouco* não pode normalmente intervir sobre um processo em curso, por exemplo: * *por pouco estás a chegar* e apresenta dificuldades de co-ocorrência com o pretérito perfeito. Veja-se a difícil aceitabilidade de: *por pouco chegaste a tempo*, problema que não se coloca se *por pouco* ocorrer no fim: *chegaste a tempo por pouco*.

IV. Localização de *por pouco*

É tempo de teorizarmos sobre os valores de *por pouco* quando colocado **antes ou depois do termo sobre o qual incide**. Para sermos claros teremos de questionar as diferenças entre (9) *chegaste a tempo por pouco*, em que a validação da relação predicativa < chegar a tempo > é feita independentemente de *por pouco*; e (8_b) *por pouco não chegavas a tempo*.

No caso (9) *chegaste a tempo por pouco*, *por pouco* especifica temporalmente a ocorrência, considerando que se trata de uma quantificação ínfima de realização do processo. De qualquer modo não se põe em causa a relação pré-construída. O que há é uma operação de especificação sobre uma operação de construção prévia. Há uma ocorrência que é mínima mas não é questionada a localização da relação predicativa estabilizada: um facto aconteceu (determinação QNT, QLT de uma propriedade, ancorada situacionalmente, ou seja, estabilizada). O valor localizador da relação é o limite de saída do domínio das ocorrências positivas (Interior e Fronteira).

Por comparação com (8_b) antecipamos desde já que em (9) não há lugar para a formulação de hipóteses que tenham em conta o complementar da relação predicativa validada, ou seja, questionar a localização (a validação) dessa ocorrência, que corresponderia a: Q aconteceu mas podia não ter acontecido.

No caso (8b) *por pouco não chegavas a tempo*, o enunciador reconstrói toda a sequência, incluindo o pré-construído: “chegaste a tempo”. Nesta situação há uma ruptura entre S_2 e S_0 . É na relação intersubjectiva, entre enunciador e co-enunciador, que se vislumbram duas possibilidades: *chegar / não chegar (a tempo)*, que correspondem a dois caminhos para a validação da relação predicativa /chegar/: o Interior ou o Exterior. É **privilegiado este caminho pelo que a nova construção tem uma orientação negativa, retroclive**. Há assim uma modalização negativa da relação prévia. Isto acontece porque a relação predicativa pré-construída foi validada *in extremis*. Tal facto permite que a nova construção tenha como localizador o limite de entrada no complementar da ocorrência pré-construída, ou seja, o limite de entrada no Exterior onde a ocorrência não seria validada. Mas não chega a haver essa passagem ao Exterior: a ocorrência situa-se na Fronteira.

A dificuldade de *por pouco* co-ocorrer com o pretérito perfeito quando *por pouco* está anteposto e a natural co-ocorrência quando *por pouco* está posposto pode assim explicar-se. *Por pouco, antes, reconstrói a relação; por pouco, depois, apenas especifica a relação. Por pouco, antes, inscreve a relação num percurso de possíveis, é a imagem de um percurso dos valores possíveis de uma noção, positivos os negativos; por pouco depois limita-se a determinar, a quantificar a propriedade em questão*. As propriedades do pretérito perfeito, tal como as do futuro, não permitem estes percursos.

V. *Por pouco não* : valores e orientações opostas

Sabemos que *por pouco* colocado depois do termo sobre o qual incide não suscita qualquer dificuldade nem ambiguidade, o mesmo não acontecendo quando está no início do enunciado ou antes do termo sobre o qual incide e se lhe segue a partícula *não*. Utilizamos por isso o termo *por pouco não*.

Ora, o mesmo enunciado (8_b) *por pouco não chegavas a tempo*, que na representação anterior situámos à direita, pode, ao invés, ser representado à esquerda. O que é que queremos dizer com isto?

Suponhamos que a relação predicativa apresentada como pré-construída nesta enunciação não foi validada: < () chegar a tempo > não foi o caso, ou seja, não houve nenhuma ocorrência que validasse (no Interior do domínio) essa relação. Essa situação corresponderia a: “tu não chegaste a tempo [de / para...]”. Essa não validação não aconteceu por atraso de uns segundos, por exemplo. Estamos assim na situação descrita anteriormente a propósito de (7_b) *por pouco chegavas a tempo*.

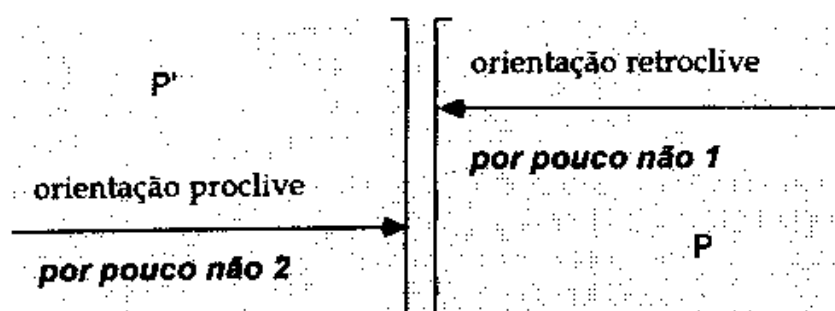
Para S_1 , S_2 não reuniu as condições para validar a relação predicativa < () chegar a tempo > pelo que a ocorrência se situa no Exterior. “X não chegou a tempo” é assim um pré-construído nesta situação de enunciação.

Mas, dado que o atraso de X foi apenas de uns segundos, ou seja, a relação predicativa < () chegar a tempo > não foi validada *in extremis*, o enunciador marca com *por pouco* a proximidade do valor localizador, objectivo, ou ponto de referência, “chegar a tempo”, que mais não é do que o complementar da relação

pré-construída. Por tudo isso, esse enunciado está situado no limite entre a afirmação e a negação: por um lado o valor construído é negativo mas questiona-se a insignificância do atraso e por outro há uma orientação positiva, proclive, introduzida por *por pouco*. Isso faz pensar no tradicional valor 'expletivo' atribuído a *não*⁷.

Codifiquemos *por pouco não 2* a construção que acabámos de descrever. Adoptemos a representação anterior codificando *por pouco não 1* a construção com orientação retroclive que se encontra à direita e que representa uma ocorrência positiva mas no limite de entrada no complementar. Esta situação corresponde a "chegaste a tempo mas foi por um triz".

Representemos estas duas situações:



Pensamos tratar-se de um problema interessante.

Relembremos que a representação topológica de *por pouco não 2* se sobrepõe à de *por pouco p*. Em ambos os casos a orientação é proclive. O que parece claro é que com *por pouco não 2* a ocorrência é reenviada directamente à noção lexicalizada em *chegar a tempo*⁸. A noção é assim perspectivada independentemente do positivo e do negativo, ou seja há a menção da própria noção, encara-se todo o domínio (P, P')⁹.

É fácil vermos o tom exclamativo deste enunciado. A ocorrência da noção é enviada ao valor alto grau dado pelo centro atrator e por isso este valor de *por pouco não 2* identifica-se com o valor que vimos atrás com *por pouco chegavas a tempo*. Tanto num como noutro caso a ocorrência não atinge o ponto de referência - o domínio positivo, mas a orientação é em ambos os casos positiva. Em ambos os casos há percurso das ocorrências possíveis da noção mas em *por pouco não 2* a partícula *não* dá-nos a referência a todas as propriedades da noção (ver nota 9).

VI. Orientação proclive de *por pouco não 2*

As construções em que intervém *por pouco* realizam-se num espaço intermodal em que se joga com o positivo e o negativo, uma ocorrência estabilizada e uma ocorrência virtual da noção, as relações entre o enunciador e o co-enunciador. ***Por pouco é desse modo um marcador de uma operação complexa de construção do possível.***

Mas não esqueçamos que o possível, pelo menos neste caso, só o é a partir do que não foi possível realizar num tempo anterior ao da enunciação em que intervém *por pouco*. Trata-se por isso de uma intervenção *a posteriori* de carácter modal

em que o enunciador atribui à relação pré-construída uma apreciação posterior. Compreende-se então os valores que essa avaliação introduz: louvor, incentivo, crítica, distanciamento, intervenção do acaso, da má sorte, da sorte, etc. Estes valores não coexistem, como é evidente, nessa remodelização enunciativa.

VII. Duas conclusões apenas

Em “o João está quase a chegar”, *quase* constrói, como dizíamos, uma realização virtual do processo, marcando a ancoragem temporal do nocionalmente não estabilizado em referência a uma estabilização nocional virtual. Há assim uma antecipação da validação da relação predicativa. Porém, em “o Miguel quase chegou a tempo de encontrar o João” há um acontecimento estabilizado. A construção da realização virtual do processo é apenas modal e não aspectual-temporal. Ao contrário de *quase, por pouco* (*o João está por pouco a chegar) não coocorre com locuções verbais (na terminologia de Cunha & Cintra 1984: 393) do tipo “estar a” seguido de infinitivo impessoal, exactamente porque só permite construções de realizações virtuais a partir de uma ocorrência ancorada situacionalmente e por isso é apenas um marcador modal mesmo se se refere a uma quantidade de tempo em falta para que a ocorrência se localize no espaço complementar à sua realização.

O que faz *por pouco* é atribuir uma orientação modal oposta àquela que conduziu a ocorrência àquela estabilidade, afirmando ter sido possível a sua validação no espaço complementar. Por isso a construção é de ordem fictícia. *Por pouco* e *quase* são marcadores de uma operação complexa em que está em jogo o positivo e o negativo, a construção situacional e a centragem qualitativa de uma ocorrência da noção, a não conformidade entre P tal como é visado (validável) e P tal como está localizado (validado), quer dizer, a localização subjectiva e a localização situacional, a relação dissimétrica entre os enunciadores, a operação de identificação e a operação de diferenciação. A ponderação sobre esses valores faz-se por isso num **espaço intermodal**.

NOTAS

- ¹ Segundo Culioli, todas as operações que participam na construção de um enunciado articulam-se numa operação fundamental: a operação de localização abstracta. Esta operação serve para construir um termo a partir de outro termo, ou para determinar um termo em relação a outro termo (objecto construído no sistema e que entra numa relação). O princípio fundamental é que não há termos isolados, ou seja, qualquer termo é **localizado** em relação a outro termo que lhe serve de localizador.
- ² *Pré-construído* indica que a relação foi construída de modo autónomo, independente da nova relação (ver, entre outros, Franckel & Paillard 1989: 119).
- ³ Veja-se o trabalho realizado sobre a partícula *mal* (MOREIRA, B. 1995: 205-240).
- ⁴ Entende-se por *orientação proclive* uma orientação modal positiva e por *orientação retroclive* uma orientação modal negativa.
- ⁵ Para manter o mesmo tipo de construção e a mesma família parafrástica, apresento este enunciado apesar de não ser bom. Quando *quase* co-ocorre com uma actividade, não pode ter como escopo

- V. A noção /estudar/ não implica um limiar semântico como /passar/. Neste último caso teríamos uma sequência boa (6') a *Inês quase que passou no exame*.
- ⁶ Para uma melhor caracterização do marcador *quase* veja-se MOREIRA, B. 1995: 121-122.
- ⁷ Numa perspectiva estereoscópica podemos dizer que há dois caminhos possíveis, duas representações opostas: uma que privilegia o parâmetro T (localizador temporal) e outra o parâmetro S (localização subjectiva).
- ⁸ Veja-se que não está propriamente em questão "o chegar" ou "o não chegar" mas sim a determinação quantitativa dessa noção: *chegar a tempo* ou *não chegar a tempo*. Tal facto pode ver-se com uma glosa com *quase* que pode, ao contrário de *por pouco* incidir directamente sobre esse termo "a tempo": *tu chegaste quase a tempo / tu quase chegaste a tempo*.
- ⁹ É a mesma coisa que "o problema de passar", "o problema de ler": encara-se todo o domínio: *passar/não passar, ler/não ler*. Uma situação parcialmente semelhante acontece com: "Eu não te disse que não viesses?!" = "eu disse-te que não viesses" (que pode equivaler a "eu bem te disse para não vires". Mas aqui há uma forte intervenção da relação enunciador - co-enunciador. Para uma explicação mais aprofundada veja-se MOREIRA, B. 1995: 71-87.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPOS, M.H.C. 1996 - "Para uma reinterpretação de alguns fenómenos aspectuais", *Actas do Encontro Internacional sobre o Português*, Vol. I, Lisboa, APL/Colibri, 77-93.
- CULIOLI, A. 1990 - *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys.
- CUNHA, C. & L.F.L. Cintra 1984 - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- FRANCKEL, J-J. e D. Paillard 1989 - "Objet - Complément - Repère", *Langages* 94, 115-127.
- FRANCKEL, J-J. e D. Lebaud 1992 - "Lexique et Opérations - Le lit de l'arbitraire", *La Théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 89-105.
- MOREIRA, B. 1995 - "Para a constituição de um conjunto de marcadores enunciativos intermodais", *Actas do X Encontro Nacional da APL*, 359-373.
- 1995 - *Para a caracterização de um espaço enunciativo intermodal na construção da significação*, dissertação de mestrado, não publicada.
- PAILLARD, D. 1992 - "Repérage: construction et spécification", *La Théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 75-88.
- RATIÉ, M. 1989 - "A propos de quelques adverbes de négation implicite", *Cahiers de recherche en grammaire anglaise, tomo IV*, Ophrys, 65-92.
- VOGÜE, S. de 1993 - "Des temps et des modes", *Le Gré des Langues* 6, 65-91.